

**O CAMINHO PARA A HARMONIA
DO SER, FAZER, VIVER E CONVIVER:
QUESTÕES ENUNCIATIVAS
PRESENTES NO DISCURSO FILOSÓFICO
DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DO AIKIDO**

Augusto Gonçalves Ribeiro (UENF)

rgoncalvesaugusto@gmail.com

Luciana Rocha dos Santos (UENF)

lurochas@yahoo.com.br

RESUMO

No processo de produção de significados de uma dada cultura, elaboram-se pressupostos e subentendidos como base filosófica. Este trabalho objetiva analisar o discurso dos ensinamentos da filosofia de vida das artes marciais, em especial, o *Aikido*, revelando o seu verdadeiro significado filosófico implícito na tessitura textual. O trabalho de interpretação foi realizado a partir dos estudos dos teóricos da análise do discurso, a saber: Dominique Maingueneau (2002) e Jacques Courtés (1991), visando esclarecer a linguagem do discurso filosófico. Os conceitos desta linha francesa, tais como: cenas enunciativas, embreagens de pessoa, temporal e espacial, *ethos*, formações discursivas, discurso e interdiscurso, referências textuais são utilizadas, objetivando explicitar as relações sociais e ensinamentos entre mestre e discípulos com suas implicações na formação do caráter dos mesmos, seguindo uma ideologia fundamentada nas raízes sociais e históricas da cultura oriental. Em Ingedore Grunfeld Vilaça Koch (2001), utilizamos a coesão textual e a coerência com a finalidade de mostrar a relevância dos termos como fator responsável de encadeamento dos elementos intra-textuais, assim como a continuidade significativa dos fragmentos textuais da filosofia do *Aikido* implementada no Japão. A disciplina oriental segue os parâmetros dos pilares da educação (DELORS, 2010), visando à integração do indivíduo à sociedade. Finalmente, em Mikhail Bakhtin (2002), a partir de seus ensinamentos sobre a filosofia da linguagem, ideologia, discurso, língua, fala e enunciação, abordamos os significados do *Aikido* em uma perspectiva de consciência subjetiva individual inscrita na coletividade, buscando revelar uma ideologia de vida para o bem.

Palavras-chave: Análise do discurso. Interdiscurso. Linguagem. Filosofia. *Aikido*.

1. Introdução

A divulgação de uma cultura está intrinsecamente ligada aos aspectos ideológicos, sociais e históricos desta civilização, assim como os ensinamentos de uma filosofia de vida expressa pelas artes marciais, em especial, o *Aikido* de Morihei Ueshiba, haja vista a observação de como são divulgadas nacional e internacionalmente seus valores, verifica-se que dependem fundamentalmente e substancialmente dos interesses polí-

tico-econômico das grandes potências, as quais se aproveitam desta situação para promover e divulgar suas ideologias e ao mesmo tempo abafar ou até mesmo apagar totalmente outras ideologias discordantes das suas para que desta maneira consigam sempre perpetuarem-se no poder.

Neste trabalho apresentamos textos selecionados a partir do Paulo Coelho em suas publicações dominicais no jornal *O Globo*. Os textos, publicados por Wagner José Bull (2012), não somente tratam de filosofia oriental das artes marciais, onde a disciplina, o autocontrole e o respeito são de suma relevância, mas também representam o *Aikido* que preconiza a aprendizagem do ser, viver e conviver coincidentes com os pilares da educação objetivado pela UNESCO através de Jacques Delors et al. (2003).

Pretende-se com este estudo desenvolver uma análise baseada nos ensinamentos de Dominique Maingueneau (2002), levando em consideração as questões do discurso, tais como: enunciado/enunciação, enunciadador/coenunciador, emblemas enunciativas (de pessoa, tempo e espaço), as leis do discurso, cenografias (englobante, genérica, cenografia), *ethos*, etc., com a finalidade de observar e destacar os referentes significativos e integrantes para uma compreensão da produção textual, além de ativar as competências linguísticas e enciclopédicas de seus leitores.

2. O desenvolvimento da análise do discurso

Segundo as observações de Fernanda Mussalim (2001), a análise do discurso apresenta-se sob duas orientações: uma anglo-saxã ou americana, que considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a linha francesa considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia em que predomina o que poderão ou não dizer certas conjunturas histórico-sociais.

De acordo com Fernanda Mussalim (2001), a análise do discurso se estabelece em três fases distintas: a primeira concebe a relação entre os discursos como sendo uma relação entre “máquinas” discursivas justapostas, cada uma delas autônoma e fechada sobre si mesma; a segunda considera a existência de formações discursivas constituídas independentemente uma das outras, para depois serem postas em relação; enquanto a terceira adota a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma formação discursiva não se constituem independente-

mente umas das outras, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso mantendo uma identidade. Neste estudo, encontrar-se-á em preponderância a terceira fase da análise do discurso por mostrar-se mais complexa e ao mesmo tempo mais interativa como fundamento para dar suporte a coesão textual apresentada de forma a integrar os processos de produção de sentidos.

Segundo Mikhail Bakhtin (2000), o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso.

Observa-se como o sujeito do discurso está inserido no processo histórico como produtor e coprodutor ideológico dos sentidos estabelecidos dentro do sistema de produção social. Desta maneira, o sujeito do discurso é responsável pelo discurso que enuncia, embora nem sempre esteja consciente dos outros que se estabelecem durante sua enunciação.

Desta maneira, a intenção da análise do discurso é de observar através da materialidade e textualidade do texto, como processos ideológicos e históricos se organizam na produção social, e como a ideologia se apresenta através da interdiscursividade textual, pois o texto acima de tudo é heterogêneo não se podendo conceber um discurso sem se remetê-lo a outro.

3. O ethos de uma arte

Segundo Ruth Amossy (2016), o *ethos* é a projeção que o enuncrador faz do caráter apropriado a cada tipo de discurso com a finalidade de engendrar no público uma disposição em relação ao orador.

Os ensinamentos contidos nestes textos em estudo são de uma doutrina marcial chamada *Aikido* criada pelo japonês Morihei Ueshiba, conhecido entre os participantes como “O Grande Mestre”, por ter deixado registrado uma série de práticas filosóficas, conferências, poesias e conversas com seus discípulos.

O *ethos* da filosofia das artes marciais em geral, e a *Aikido* em particular, é a concepção do ser humano como um ente sereno, autoconsciente, responsável, reflexivo e acima de tudo autocontrolado, pois suas ações dependem de uma consciência completa do seu “eu” para que seja

capaz de entrar em harmonia consigo mesmo e com o cosmos ao seu redor.

Nota-se nos textos abaixo características do *ethos* desta filosofia de vida:

A respiração infinita

Tudo existe acima e abaixo, também existe dentro de você. E tudo respira; quando você perceber isso, irá também compreender a arte da paz. Aqueles que a praticam, sabem que são guerreiros protetores da Mãe Natureza, e em cada respiração estão colocando dentro de si o sol e a lua, o paraíso e o mundo, a maré alta e a maré baixa, a primavera e o inverno, o verão e o outono. (BULL, 2012, p. 52)

Todo o aprendizado pode ser resumido na maneira como se respira conscientemente. Cada vez que se faz isso, compartilha-se da energia poderosa que sustenta a criação.

Como já mencionado acima, neste primeiro texto, o *ethos* identifica as características do enunciado, e observa-se nesta passagem os ensinamentos para que o discípulo conheça a si mesmo (Tudo existe acima e abaixo, também existe *dentro de você*) e que a partir daí, possa ser capaz de integrar-se à natureza que o cerca. A dificuldade da interpretação recai sobre as implicaturas que quando compreendidas, apreende-se os ensinamentos e deve-se pô-los em prática, mas quando não as são, deve-se trabalhar mais com o intento de aperfeiçoar cada vez mais a sua capacidade de interpretação.

O crescente constante

A vida é desenvolvimento. Para atingir isso, suba as montanhas altas e desça até os vales profundos de sua alma. Inspire e sinta que está sugando para dentro de si tudo o que existe nos céus e na terra. Expire e sinta que o ar que sai do seu corpo carrega a semente da fecundidade, e irá fazer a humanidade ser mais verdadeira, melhor, e mais bela. (BULL, 2012, p. 51/52)

Agora neste texto, verifica-se que haverá necessidade de uma competência linguística e principalmente enciclopédica para que seja possível interpretar os pressupostos da frase: “A vida é desenvolvimento”; e do todo acima descrito, pois há uma grande necessidade de conhecimento do mundo e da filosofia oriental em particular. Este “desenvolvimento” declarado logo no início tem tudo a ver com o *ethos* do próprio Morihei Ueshiba ao obter diversos ensinamentos budistas e de artes marciais para culminar na criação do *Aikido*.

Esta filosofia visa ao desenvolvimento espiritual pleno da pessoa

como significância máxima e à exclusão dos pensamentos e atitudes materiais do ser humano. O indivíduo/coenunciador tem a obrigação de conhecer a sua alma, ou seja, seu espírito para que seja capaz de produzir o bem para a humanidade. Caso esta implicatura não seja identificada, não se logrará o desenvolvimento espiritual almejado.

4. A embreagem enunciativa como produtora de significações

Para Maingueneau (2002), a embreagem é o conjunto das operações pelas quais um enunciado se ancora na situação de enunciação, e embreantes (dêiticos), os elementos que no enunciado marcam essa embreagem.

Jacques Courtés (1991, p. 245) nos aduz que “*L’énocencé doit être considéré, em effet, comme l’objet produit par l’acte d’énociation*”.²⁶

Quando se fala ou escreve, se está sempre enunciando algo, entretanto estes enunciados devem estar apoiados no próprio ato enunciativo do qual são o produto. Nem todas as características são levadas em consideração, mas precisamente aquelas que definem as situações linguísticas da enunciação, ou seja, o enunciador e o co-enunciador, o momento e o lugar da enunciação.

Trabalhar-se-á com os planos embreados e não-embreados, que se distingue pela presença ou ausência respectivamente dos elementos dêiticos, ou seja, os termos que permitem identificar as pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação da fala.

4.1. A embreagem de pessoa, espacial e temporal

A l’opération de débrayage, qui assure le passage de l’instance de l’énociation à celle de l’énocencé, répond, em sens inverse, la procédure dite d’embrayage qui vise le retour à l’instance de l’énociation. (COURTÉS, 1991, p. 256)

A partir do texto a seguir analisar-se-á simultaneamente as três embreagens:

²⁶ O enunciado deve ser considerado, em efeito, como o objeto produzido pelo ato de enunciação. (Tradução livre)

Onde começa a arte da paz

A arte da paz começa em *você* ; *trabalhe* para conseguir com que ela permaneça ao *seu* lado. *Todo mundo* possui um espírito que pode se aperfeiçoar, um corpo que pode ser treinado, e um caminho a seguir.

Você está *aqui* para cumprir com estas três metas, e para isso são necessárias duas coisas: manter a tranquilidade, e praticar a arte em cada coisa que fizer. *Nenhum de nós* precisa de dinheiro, poder ou status para praticar a arte; *neste exato momento você* está com os seus pés no paraíso, e deve treinar agora. (BULL, 2012, p. 51)

Os textos em geral apresentam os planos embreados e não-embreados conjuntamente, como aparecem neste texto. Ora com a predominância de um, ora com a predominância para justificar a narrativa e os interesses do enunciador da questão.

Neste trecho selecionado, os termos dêiticos são identificados em negrito para facilitar a explanação.

Inicia-se o texto já com o plano embreado, ou seja, ancorando o enunciado na situação, pois constata-se a referência do pronome pessoal dêitico “**você**” com a finalidade de inserir o coenunciador no ato enunciativo. Logo a seguir, nota-se com o verbo no imperativo “trabalhe” o “eu” implícito do locutor (O Grande Mestre) exaltando a sua face positiva de grande conhecedor das verdades do mundo. Ao mesmo tempo, verifica-se o “**você**” que desta vez se encontra implícito no verbo e o pronome “seu” no final da oração como dêiticos responsáveis pela sustentação do plano embreado. O verbo no imperativo aqui expressa mais um conselho do que uma ordem, pois ele carrega o *ethos* como qualidade moral de um sábio que não exige nada, mas que através de seu conselho provoca uma reflexão no seu discípulo.

Observa-se que a lei da pertinência está presente neste trecho, interessando ao destinatário, aqui o discípulo, os ensinamentos que modificarão o seu modo de encarar a vida. Também, encontra-se a lei da sinceridade, pois o enunciador está engajado no ato da fala com o que ensina a arte da paz.

Vale a pena observar também que este pronome “**você**” pode referir-se não somente a um discípulo ou uma pessoa particular, mas a todos os leitores que com sua competência linguística e de mundo assumem para si os significados implícitos no texto.

Já na segunda oração, constata-se um plano não-embreado pela falta de um elemento dêitico para apoiar o ato enunciativo, embora haja

verbo no presente. Este refere-se a “todo mundo” e não aos embreantes de pessoa “eu/você”. Há a necessidade de relatar algo sobre as pessoas em geral, por isso verifica-se a paisagem do plano embreado para o não embreado justificando a sua colocação no texto.

Na terceira oração, a frase inicia-se com o embreante de pessoa “você” e o embreante espacial “aqui”. Volta-se ao plano embreado. O enunciador, destarte, consegue resgatar e reintegrar o que já havia sido mencionado e dar continuidade aos ensinamentos do “Grande Mestre”, que estão inseridos em outras vozes e outros discursos, pois quando se menciona “manter a tranquilidade”, isto já configura em um discurso de outros grandes mestres de todas as artes marciais em geral e da filosofia oriental em particular.

Na quarta sentença, inicia-se com “Nenhum de nós”, observa-se a união do “eu/você”, ou seja, o mestre e o discípulo com a finalidade de mostrar que eles não são diferentes, provocando desta maneira uma valorização neste momento da face positiva do discípulo, levando-o ao mesmo nível do mestre.

No último trecho, destaca-se os embreantes temporais “neste exato momento” e “agora” que juntamente com o termo dêitico pronominal “você” reforçam todo o plano embreado para justificar que os atos enunciativos estão apoiados na situação da falta.

5. A coesão textual

Alexander Kirkwood Halliday e Ruqaiya Hasan (1976, *apud* KOCH, 2001) afirmam que “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”.

Para Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1981, *apud* KOCH, 2001), a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Luiz Antônio Marcuschi (1983, *apud* KOCH, 2001) define os fatores de coesão como “aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto”, afirmando que não se trata de princípios mera-

mente sintáticos, mas de “uma espécie de semântica de sintaxe textual”.

Sendo assim, a partir destes autores, conclui-se que a coesão é a forma pela qual a sequencialização dos enunciados adquire as significações linguísticas e semânticas possíveis, engendrando textura, ou seja fazendo as conexões necessárias entre as palavras e frases que asseguram à superfície textual o seu *ethos*.

5.1. As anáforas representativas de sentidos

De acordo com Dominique Maingueneau (2002), encontra-se a anáfora quando existe uma retomada de unidade de um texto por uma outra. A partir do texto abaixo, examina-se as referências textuais (endofóricas), ou seja, quando o referente se encontra dentro do texto.

O universo e o homem

Tudo no universo vem da *mesma fonte*. Esta fonte, que chamamos de *vida*, contém o nosso passado, o presente, e o futuro. Na medida que o *homem* caminha adiante, **ele** pode desintegrar ou harmonizar a energia vital.

O mal nasce no momento em que passamos a acreditar que é apenas nosso aquilo que pertence a todos; isso provoca soberba, desejos inúteis, e raiva. Mas aquele que não é possuído pelas coisas, termina sendo dono de tudo. (BULL, 2012, p. 51)

Neste sentido, podendo ser um termo com o mesmo referente, como observa-se em (o homem ... ele...), esta retomada só se estabelece como significativa porque através do contexto, ou contexto linguístico anteriormente introduzido, o leitor apreende o seu conteúdo, o qual permitirá que ele seja capaz de dar continuidade a sua leitura com a finalidade maior de identificar as implicaturas existentes.

Por outro lado, observa-se também, uma frase inteira sendo anaforizada pelo pronome demonstrativo (isso), evitando-se assim uma repetição de significados, incorporando-se os sentidos existentes anteriormente mencionados através do contexto para dar a sequencialização necessária à coesão textual.

A anáfora tem um papel primordial, pois produz um encadeamento das ações na narrativa, enquanto a catáfora produz uma intervenção do enunciador que comenta sua própria fala ou que antecipa o que dirá.

Agora, analisar-se-á um caso particular onde o mesmo faz duas referências, uma anafórica e outra catafórica. O termo (esta fonte) anteri-

ormente mencionado no texto, mas para se conseguir compreender o significado ativa-se a competência linguística necessária do coenunciador, embora este sentido encontre parcialmente compreendido, pois não se sabe de que “fonte” se trata.

Contudo logo a seguir aparece a palavra (vida) que representa uma catáfora lexical infiel, isto é, quando o substantivo cataforizante não é o mesmo que aquele do termo cataforizado (*fonte*), com a finalidade de completar a significação da palavra cataforizada.

Dessa maneira, toda a compreensão é feita neste jogo de referências representativas com o intuito de levar o leitor a decifrar as tessituras implícitas.

6. O sentido da cena enunciativa

Segundo Mikhail Bakhtin (2000), o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso.

Para José Luiz Fiorin (2014), o ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação), que ao realizar-se, deixa marcas no discurso que constrói. O enunciador pode reproduzir ou não a enunciação no interior do enunciado.

Deste modo, mesmo quando os elementos da enunciação não aparecem no enunciado, a enunciação existe, uma vez que nenhuma frase se enuncia sozinha.

Dominique Maingueneau (2002) profere que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encerrada”.

O leitor, da seção do jornal dominical *O Globo* protagonizada por Paulo Coelho ou do livro de Wagner José Bull (2012), identifica a cena enunciativa de três formas, como uma coluna de textos doutrinários, logo pertencente ao tipo de discurso filosófico que representa a cena englobante; como uma coluna que dedica-se a promover e difundir os ensinamentos filosóficos representando a cena genérica, ou seja, o gênero de discurso predominante; e finalmente a cenografia apresentada como uma narrativa na qual a intenção do enunciador, (“O Grande Mestre”), sempre

apresentado como um grande sábio por possuir inúmeras experiências de vida e qualidade moral, isto é, o *ethos* do mestre, é de convencer, persuadir e moldar os perfis do coenunciadores (os discípulos) através de todas as funcionalidades discursivas de que dispõe.

A atenção consciente

Faça com que cada dia seja realmente novo, vestindo-se com as bênçãos do Paraíso, banhando-se sob a proteção da Mãe natureza. Aprenda dos sábios dos livros sagrados, mas não esqueça que cada montanha, rio, planta, ou árvore, também. (BULL, 2012, p. 52)

Observa-se, com no texto acima citado, o que fora dito anteriormente, ou seja, a intenção do enunciador é a de moldar o perfil do seu co-enunciador, neste caso em particular o discípulo deverá aprender com todos e com tudo ao seu redor para que possa progredir espiritualmente.

Destarte, novamente, o mestre não utiliza dos verbos no imperativo para cogitar uma ordem e sim, um conselho, objetivando-se convocar cada vez mais seus discípulos para a reflexão e, assim, conquistar mudanças de posturas, que afetarão toda comunidade.

7. Considerações finais

Observou-se nos textos, a voz do locutor/enunciador através dos termos dêiticos presentes, ou seja, de todos os elementos embreantes (pronomes: eu/você/nós, demonstrativos: anafóricos (esta)/isso e verbos no presente dêiticos e no imperativo com o “você” implícito) que permitiram, deste modo, que todos os atos enunciativos se apoiassem na situação da fala.

Verificou-se as leis do discurso e as cenas de enunciação com a finalidade mor de persuadir o leitor/coenunciador a desenvolver em si próprio todos os ensinamentos dos grandes mestres.

Isso está presente em tudo, da vastidão do espaço à menor das plantas; cada coisa traz em si uma reserva gigantesca da energia universal, que pode ser usada para o bem de todos. Como destacado no texto abaixo, conforme os pares antagônicos que fazem parte de nossa vida terrena:

O homem e as oito forças

Para praticar a arte da paz, é preciso, em algum momento, mergulhar alternadamente nas oito forças opostas que sustentam o universo.

Movimento e inércia,

Solidez e adaptação,

Contração e distensão,

Unificação e divisão. (BULL, 2012, p. 51)

A busca da paz sugerida vem em conformidade com a educação do aprender a ser, fazer, viver e conviver, prescrita nos pilares da educação estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

Esta atmosfera da filosofia oriental é necessária à formação do caráter e da personalidade de cada ser humano, e principalmente, dos seus seguidores, pois estes estarão aprendendo os significados implícitos nas palavras dos mestres porque algum dia eles tornar-se-ão mestres.

Cabe a cada um de nós, no interior de nossas relações sociais e culturais, desenvolver olhar crítico e reflexivo para identificar cada implicatura existente ao nosso redor, engendradas de ideologias que deverão ser identificadas para o bem comum. Caso isto não ocorra, estaremos, portanto, repetindo outras vozes existentes, que permeiam nossos discursos inconscientes, refletindo a falta de harmonia consigo mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016.

BULL, Wagner José. *Aikido, o caminho da sabedoria – Dobun – história e cultura*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2012.

COURTÉS, Jacques. *Analyse sémiotique du discours*. Paris: Hachette, 1991.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2003.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- _____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Discurso e análise do discurso*. Trad.: Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Org.: Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Trad.: Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola, 2010.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística*. vol. 1 e 2. São Paulo: Cortez, 2001.